

DIRETORES E PROPRIETARIOS
 Lyster Franco e
 João Pedro de Sousa

ADMINISTRADOR,
 João Pedro de Sousa

EDITOR,
 Lyster Franco

PUBLICA-SE A'S QUARTAS E SABADOS

O HERALDO

BI-SEMANARIO REPUBLICANO DEMOCRATICO

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO,
 COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
 Tipografia do Heraldo

RUA 1.º de Dezembro

FARO

ASSINATURAS

25 numeros 50 centavos

COMUNICADOS E ANUNCIOS

Cada linha 2 centavos. Para a 1.ª e 2.ª pagina contrato especial.

POLITICA INTERNACIONAL

Relações comerciais entre Portugal e a Hespanha

Enlevados quanto ás questões de Marrocos pelo sr. Romanones, presidente de conselho do visinho reino, os jornalistas hespanhoes que, desde longa data, veem lutando com falta de assunto, bateram as palmas de satisfação ao som do mote que, sobre as negociações entabuladas entre os dois paizes da península, lhes deu o jornal *A Dila-dura*.

O entendimento comercial das duas nações estava prestes a estreitar-se em bases mais suaves do que as do actual tratado. Os estudos haviam-se feito com a perseverança propria dos trabalhos aturados e melindrosos. As difficuldades eram, porém, supridas pela boa vontade que havia dum lado e doutro.

Os laços que comercialmente nos uniam á Hespanha tornavam-se com certeza mais estreitos, com tendencias dominantes e assaz uteis para o desaparecimento a breve trecho das fronteiras comerciais.

Vivendo lado a lado, amigos e satisfeitos, os dois paizes tinham a lucrar, e bastante, com a criação da mesma base de troca mutua, limando as agudas arestas que para um e outro, especialmente para nós, ocasionavam um atrito delituoso.

Nem se diga que assim não era, porque, enquanto outros portuguezes, de preferencia os transmontanos e os minhotos, recebiam da Hespanha as emanções putridas duma conspiração politica, torpe e infame, nós, os algarvios, bem sabemos quantas difficuldades alterosas se nos levantavam das bandas do mar, determinadas pela presença constante e incomoda dos galões hespanhoes.

Para tudo isso olhávamos agora, com olhos de ver e consciencia de quem defende um sacratissimo direito, O nosso orgulho de meridionaes, acalentando-se nas recordações dum passado glorioso, esculpido a letras brilhantes na historia da humanidade, egualava-se ao dos hespanhoes, que, como nós, se houberam sempre com distincção e galhardia. Nuno Alvares, o condestavel, abraçava intimamente Cid, o campeador.

Irmanados geograficamente e no decorrer da historia, pretendiamos nós pôr de lado todos os dissimulamentos, para só olharmos um futuro risonho e venturoso, que, sem mesmo provocar simples arufos, se podesse tornar utilitario para os povos das duas nações. E estes, que sempre foram, inconcientemente, o ludibrio dos grandes politicos, eram afinal quem mais vinha a lucrar pelo novo estado de coisas.

A par duma vida mais facil e mais barata,—facil pela extinção das peias que a cada passo estorvavam os comerciantes, e mesmo quem exercia outros misteres, mais barata pelo desaparecimento de taxas quasi proibitivas que se lançavam em muitos productos de primeira necessidade,—, as duas nações, cobertas pelo mesmo céu venturoso, cimentavam entre si um pacto de grandissimo valor, que era sem duvida a base inicial duma de-

feza comum, de vantagens seguras. Tudo deslisava assim, neste remanso de boas vontades e relações amistosas, quando, inesperadamente, como um petardo atroador, explodiu o artigo alarmante da *Dila-dura*.

Noutras ocasiões, quando o congresso hespanhol estivesse aberto, tudo se restringiria ao minimo, esbatendo-se a questão de encontro aos variados interesses das diferentes regiões ahi representadas pelos seus eleitos. Em poucas palavras se ponderariam os inconvenientes da campanha, que já hoje se sabe ter sido provocada pelos mais insignificantes e mesquinhos interesses de quaesquer emprezas.

Ao contrario, neste periodo de calmaria politica, em que tudo está saboreando os prazeres da vilegiatura, e os jornaes teem de preencher com coisas varias as suas paginas, o caso faz sensação, e tanta sensação já fez, que dele se tem occupado toda a imprensa do paiz visinho. Toda sem excepção. E se no caso se meteram alguns jornalistas, com a sinceridade que os caracteriza, outros ha que o fizeram, cientes de que esta questão lhes proporcionaria efeitos politicos.

Sabemos que a Hespanha é profundamente reacionaria. O seu exercito, como em geral todo o seu funcionalismo, o seu commercio, a sua industria, tudo, tudo enfim tem o seu quê de reacionario. Só o povo é liberal, mas ainda esse está peor do que o nosso, ao tempo da Revolução.

Alguns jornaes entraram, pois, na contenda, com o fim de nos ferirem mais intimamente, esmagando o nosso orgulho de portuguezes. A nossa Republica magoa-os, incomoda-os, cria-lhes engulhos,—essa a causa dos seus ataques. Mas a nossa correção, que de modo nenhum se pode dizer submissiva, tem-nos desarmado. E o que é certo é que os liberaes já reconheceram o logro em que caíram, e os outros caem ante a diplomacia dos nossos negociadores.

Perante os factos e os numeros não ha que duvidar. A Hespanha, comercialmente, precisa mais de nós, do que nós dela. Portugal é o seu melhor freguez. Compreende-se desta forma que o sacrificio que nos impõe qualquer tratado de commercio sobreleva ao que por nossa parte queiramos impor á Hespanha. Como é então que ela ainda pretende tirar-nos as poucas vantagens que nos restavam do tratado cuja vigencia termina dentro de dez dias, no fim deste mez?!

Nem tanto ao mar... porque quem muito quer, muito perde. Sobre o tratado que vigora, só nós temos direito a exigir modificações favoraveis. Nem certamente deixaremos de as exigir, e o penhor seguro de que os nossos interesses estão sendo olhados com a atenção que o caso requer, temo-lo nas grandes aptidões e no trabalho insano do dr. Antonio Macieira, nobre ministro dos negocios estrangeiros, que nem mesmo se poupou á ardua tarefa de descer até junto dos verdadeiros interessados, para ouvir as razões que lhes assistem.

NOTAS E COMENTARIOS

Os tartufos e a Igreja

A *Verdade*, o tal quinzenario das *santas creaturas* da Fuzeta, Luz de Tavira e Moncarapacho, querendo provar a existencia de Deus, sœe-se com esta:

«Todas as estrelas que tu ves e muitas mais ainda que tu não ves, foi Deus que as creou. Foi Deus que creou todas as coisas».

Foi ele que creou todas as coisas? Pois bem: daremos á *Verdade* um cheque de vinte mil indulgencias plenarias, se lôr capaz de nos dizer quem foi que creou Deus.

A mesma *Verdade*, com toda a sua hipocrisia, da tal hipocrisia que revolta os nervos, afirma que uma creancinha de 2 anos, cega de nascença, curou por milagre numa das irrisorias procissões de Lourdes, e vae até ao desprante de dizer que *a este milagre e a varios outros assistiu como testemunha ocular o bispo desta diocese*.

Onde chega o cinismo destas repelentes creaturas, que, para darem alento á sua vida de ficções e embustes, pregam mentiras que elles forjam por escarneo da verdade e florescimento da sua grei! E para que os ingenuos e parvos mais facilmente deem credito ás suas monstruosas fantasias, invocam para este caso o testemunho do bispo desta diocese, como se um bispo que pretenda sancionar taes disparates, seja uma creatura de vergonha e de dignidade!

Fôra com eles!

Boatos

De quando em vez recrudescem os boatos de natureza politica, respeitante á perturbação dos espiritos em Portugal.

Não ha que admirar. Houve sempre pescadores de aguas turvas, mas hoje estão bem guardados os cofres publicos. Podem os boateiros continuar a sua ingloria tarefa, que não tardará que de vez sejam corridos, mesmo por aqueles que ainda caem em lhes dar credito. De resto, assim vai acontecendo já, pois que os varios boatos que vão aparecendo, de pressa se esvaem pelo descredito a que toda a gente os vota. A sociedade portugueza aneia a paz fomentadora da riqueza publica. Compreende que a ordem é o regimen do progresso e porque assim é, embora tenha uma forte inclinação para o imprevisito, vai-se dispondo a fruir, dentro das prometedoras instuições, o logar que lhe compete no concerto das nações civilisadas.

Danado

Um dos alcatruzes da nora evolucionista, chamado Alfredo Pimenta, precisa de concerto radical, pois anda completamente avariado e já não tira agua que se veja. Como um possesso, o homenzinho gesticula e grita, descompondo a tudo e a todos porque ninguem o atende. De facto, numa temporada para cá, o estafado alcatruz não faz outra coisa que não seja lançar bilis no taboleiro da sua nora. Mas o destino quer que ninguem olhe com olhos de ver para tais escorrecias.

E é por isso que o homenzinho está cada vez mais lunatico!

Trampoliceis

A *Soberania do Povo*, que sae á luz do dia na vila de Agueda, era um jornal monarchico. Proclamada a Republica, deitou, sete dias depois, um artigo furioso contra as velhas e ominosas instituições e contra o rei poltrão que até ali muito honradamente defendera, e aderiu com toda a sinceridade ás belas instituições que passavam a regular os destinos do paiz. Assim viveu, até que um dia, constando-lhe que se fizera o casamento desse mesmo rei de posto, embandeirou a sua fachada e, dando o dito por não dito, escreveu um pomposo editorial, *associando-se jubilosamente aos portuguezes que tem a firme esperança de ver o sr. D. Manuel restituído á plena posse do seu trono*.

E' assim mesmo que procedem os homens que não teem carater. E já que esta folha desprezível assim procedeu, aqui lhe votamos o estigma da nossa repulsão.

Respondendo

O correspondente de Faro para o *Socialista*, plúmivito que não temos a honra de conhecer, diz a nosso respeito coisas extraordinarias que, francamente, não deslustram a nossa pessoa, mas que em verdade são menos verdadeiras ou menos exatas.

Fala em coisas do *Centro*, coisas sobre que temos sido abstemicos, para não fe-

rir suscetibilidades nem agravar situações. E já agora, esta simples alusão e nada mais.

O correspondente, que por certo não desconhece o autor desta prosa, chega a fazer a picaresca afirmação de que nos incluíamos sectarios do *anarquismo!!!* Ora, perante afirmações desta ordem, tão fantasiosas e gratuitas, que resposta lhe poderemos dar?

Tambem se julga no direito de bulir na questão que levantamos sobre a fortuna de Bebel. Leia o nosso antagonista as considerações que fazemos noutro eco, por tabela ao jornal de que se diz correspondente. E para que lhe não fique nenhuma duvida, sempre lhe diremos que a fortuna desse grande socialista *foi arranjada como em geral o são as fortunas da burguezia*: pelo proprio trabalho, na venda dos seus livros, e pelo trabalho dos outros, na aquisição duma herança bastante regular.

Estão verdes

Dizem nos que um certo homem publico fez a declaração perentoria de que não queria o poder.

Ora essa! Mas se ninguem o anda a oferecer e se nem ele mesmo tem forças para o sustentar, para que anda o rábula a trocar com as tropas!? Diga antes, como a raposa: *Estão verdes!*

A ilusão que assim intundirá aos seus poucos partidarios não será mais suscetivel de realidade pratica, mas ao menos vae-lhes dando a esperança de que as condições amadureçam.

E entretanto, sempre se podem ir entretendo com a verdura...

O «Dia» e a «Republica»

Como dois pequenos gatos, estes *bons jornaes* confraternisam continuamente nos arduos labores duma opposição artificial, feita ao partido que eles sabem estar cheio de vida e aprestado para a profunda reorganização de que carece a sociedade portugueza. Abraçam-se, beijam-se, choram as mesmas dores, riem das mesmas alegrias. As amabilidades que entre os dois se trocam teem sido duma suspeição irrefragavel para quem os supõe intimamente ligados, não porque deitendam a mesma causa, mas porque aneiam o mesmo fim, a queda de quem lhes chegou, chega e ha de chegar agua pela barba.

Não obstante irmanarem-se na luta des-norteadora que falsamente lhes sorri, como bons irmãos que parecem, ás vezes ferram-se mutuamente as unhas e com tal gana, que fazem nascer em quem os observa, a suposição duma inimizade perduravel. Mas não... aquilo passa e logo se fazem mais amiguinhos para desfeirir o mesmo bordão! Se eles não teem vergonha!

Professorado primario

Sempre, em todos os tempos, nos mereceu a maxima atenção e o maximo carinho a mui nobre e distinta instituição dos professores primarios.

Almas cheias de devoção pelo bem da Humanidade, os professores primarios, que tão sublimemente sabem fazer desabrochar para a vida os cerebros das creancinhas, os professores primarios que, nessa missão augusta do ensino, arrastam o maior fardo que hombros humanos podem aguentar, eles, os martyres das maiores dedicações, começaram a reconhecer que algum ha em Portugal que vela pela sua sorte, eles, os patrias das antigas instituições. 240 professores acabam de ser aposentados e sê-lo-ão brevemente mais 100.

Isto é alguma coisa que se vê, mas, quanto a nós, será o principio da justiça que se deve a estes grandes trabalhadores.

Adesão dum adesivo

Noticiava ha dias a *Luta* que aderiu á politica do sr. Camacho, o sr. dr. Manuel de Castro, que por sinal já fazia parte do grupo unionista.

A gente pasma com tantas adesões, mas não ha de que duvidar, pois é o proprio orgão do partido quem descreve a cena comovedora.

CANÇONEIRO DO POVO

Puz um pé na sepultura,
 Uma voz me respondeu:
 Tira o pé, que estás pisando
 Um amor que já foi teu.

Quem disser que a vida acaba,
 Digo-lhe eu que nunca amou;
 Quem deixou ficar saudades
 Nunca a vida abandonou.

DEMOLINDO

A SEPARAÇÃO E A REPUBLICA

(Excerto dum artigo)

A liberdade da terra, que o genio de Mousinho da Silveira antevira como o fator capital da liberdade politica, completa-se pela liberdade religiosa. Em face da teocracia romanista, do jesuitismo que a domina e do proprio carater absorvente, autocratico, peculiar a todas as confissões religiosas, um unico criterio se impõe como devendo constituir a base científica do regimen regulador das relações do Estado e de quaesquer igrejas. A *separação* é o regimen que os organismos democraticos devem buscar como sendo aquele que melhor afirma a soberania do poder civil, e de modo mais eficaz assegura o principio da liberdade das consciencias. «Na luta pela civilização—escreve Haeckel—o pensamento dominante que devia ter-se em mira era separar em absoluto a igreja do poder civil.»

Repulsos, portanto, todos os sistemas de subordinação da igreja ao Estado, ou do Estado á igreja, ou ainda de aliança. «Hoje—diz Briand—não ha ninguem que possa contestar seriamente que a neutralidade do Estado em materia confessional não contitua um *desideratum* de todas as sociedades modernas.» Ao invés do estado antigo, que tinha uma religião, que era (como o nosso, por exemplo) um *estado catolico*—o Estado actual não patrocina crença ou seita alguma. O estado mantem-se como simples coordenador de todas as funções e modos de ser sociaes. «Não mais ingerencia ecclesiastica em nada que constitua ato civil—escreve Minghetti—e não mais ingerencia governamental em nada que seja caracteristica mente religioso.» Subordinar o Estado ás igrejas, ou ás igrejas ao Estado, equivaleria a aniquillar os principios da liberdade. Crentes e não crentes teem jus ao mesmo direito. Submeter á mesma igualdade perante a lei, não privilegiar—eis o unico regimen compativel com a democracia.

E' justo Morselli quando afirma que «a religião deve ser, antes de tudo, individual». *Fleis e não fleis*, teem direito a gosar dentro da lei a liberdade que a todos aproveita. E só neste acordo as sociedades se afirmam, o seu carater se apura, o seu progresso se accentua. Os Estados não se constituíram para impor ou guerrear crenças, ou para definir principios de teologia. Alguns dos proprios elementos graduados da Igreja, dos mais liberaes, o reconhecem, quando afirmam, com o arcebispo de Cremona «que todos os povos civilisados se encaminham para o separatismo, como para o unico regimen amanhã possivel.»

Baniços, por contraproducentes, sofisticos, os sistemas da *Egreja livre no Estado livre*, da *Egreja livre no Estado neutro*, em que, definitivamente, só a Igreja domina e a teocracia impera—impõe-se a formula da *Egreja livre no Estado vigilante*. Este é principio fundamental do nosso separatismo. Pondo em vigor todas as atribuições civilistas da extinta monarchia, marcando á igreja a amplitude dos seus direitos e deveres a dentro da atividade que lhe incumba, a grandiosa lei de 20 de abril de 1911 tão sómente procurou adstringir as crenças e os seus ministros ao que licitamente lhes compete. Os proprios preceitos marcadamente coercitivos do catolicismo, e que se dizem deles atentatorios, não são mais que o antigo juridicalismo restaurado. O novo regimen não buscou atacar o padre; procurou defender-se do padre. Foi a propria igreja catolica que pelos seus abusos, pelas suas intromissões, pelo desvio aberrativo do seu sacerdocio, ditou á Republica os termos do seu divorcio.

O jesuitismo, triunfante em Roma, dominante no mundo, empolgára os bispos, escravizára, por eles, o padre nacional. Os gremios religiosos aliados da Companhia, eram um instrumento da sua ambição. Demonstrei num livro recente—*A Igreja, as congregações e a Republica*—a *separação e as suas causas*—o modo como toda essa densa mole internacional pervertera as crenças sinceras, se afundara em vicios inconfessaveis. A politica e o lucro eram os fulcros em torno dos quaes gravitava a atividade da maioria dos nucleos monasticos. Os confissionarios e os pulpitos haviam-se tornado instrumentos de guerra e de combate á democracia. A mulher era aproveitada

Cartas da serra

como objeto de prazer e arma de influencia. Os collegios religiosos patenteiam factos que a decencia manda calar. Os jesuitas formam partido seu, criam imprensa, insultam e difamam. São eles quem nos seminarios faz ao futuro clero os exercicios espirituales. As suas congregações pululam: vão do povo das aldeias ás «senhoras fidalgas» e aos alunos da Universidade. O clero, o clero inerte e ignorante, converte-se num mero juguete da sua ambição, num ludibrio do seus caprichos. O divorcio entre o Estado e a Igreja impunha-se. O banimento congreganista tornou-se inadiavel. Interessavam nele os proprios destinos da nacionalidade independente. O novo regimen expulsou os religiosos, decretou a separação.

Fizemos desse notabilissimo documento o estudo que a sua magnitude impõe. E nada encontramos que colida com os principios e interesses confessaveis do catolicismo ou de qualquer crença. A formula das *cultuais*, a *incorporação dos bens* pelo Estado, e as *pensões*—os pontos mais controvertidos do diploma—não apresentam um preceito que seja contraditorio com a vida espiritual da igreja, com a liberdade do sacerdotio, e com a hierarquia eclesiastica. O regimen das *cultuais* é comum no Brazil, subsiste na Alemanha, tem fundas raizes nos gremios portuguezes auxiliares do culto e da assistencia. Documentamo-lo incontestavelmente na nossa obra. A apreção intrusão de elementos hostis ao catolicismo no seo dessas corporações, é ainda um absurdo que a logica e a lei repelem. A *incorporação* pelo Estado dos bens da igreja, é vellhissima, consagra-a o Codigo Civil, altos membros da igreja portugueza a reconhecem. As *pensões*, simples succedaneas das *congruas*, tem sobre ellas a vantagem moral de não incidirem directamente sobre individuos sem crenças ou de crenças adversas.

A propria prohibição dos habitos talares, traduz um principio de protecção ao clero, que em todo o diploma é respeitadissimo, salvaguardando-se os seus legitimos direitos, aperfeiçoando-se as condições do seu ensino, sequetrandoo de todas as influencias politicas e mundanas e collocando-o em condições de constituir no futuro um elemento de progresso e uma força a respeitar.

Eurico de Seabra.

MAIS NOTAS E COMENTARIOS

A fortuna de Bebel

A proposito da herança de Bebel, tem o *Socialista*, nos ultimos dias, vomitado insultos sobre os jornaes que se referiram a ella, pondo em cheque as theorias egualitarias do seu autor.

Dizia-se que eram 186 contos. Mas o *Socialista*, porque um jornal estrangeiro, infundadamente lhe deu a comprehender que não chegava a esta quantia, esfrega as mãos e julga-se triunfante.

Segundo refere *Le Temps*, esse jornal onde o *Socialista* foi beber seus ultimos alentos, Bebel recebera havia anos uma herança que montava a mais de cem contos, mas de toda esta fortuna deu metade á familia e vinte e tantos contos para obras sociaes.

Por este facto, conclue-se que Babel, só por este lado, usufruia mais de 20 contos. Acresce que tinha varios outros rendimentos, especializando-os que provinham da comparticipação numa fabrica e os da venda dos seus livros.

Onde chegaria tudo isto? Não o diz *Le Temps*.

Em compensação, o *Socialista*, servindo-se de conjecturas, faz illuminações e deita foguetes!

Mas a historia fica de pé: o famoso socialista alemão, que era rico, ensinava uma coisa e praticava outra.

Isto marcha

Não ha duvida de que mudou por completo de rumo a nau do Estado. No final das instituições derruidas, vogando sob o influxo da Divina Providencia, andava aos baldes das ondas politicas, que, alterosas, se levantavam de todos os lados, numa constante ameaça de naufragio. Hoje nortea a uma bussula de imperitavel patriotismo. Os nossos estadistas, sob o peso dum sacrificio incalculavel, não trepidam em dedicar-lhe toda a sua energia e boa vontade, todo o seu bem estar e interesses, toda a sua intelligencia e bom nome. Eis a razão por que ella tomou rumo certo e as coisas marcham.

O estrangeiro louva-nos

Com grande satisfação, vemos que, lá fóra, se começou a fazer opinião benevola a respeito da nossa Republica, o que já não é pouco. Apóz a queda da monarchia, os estrangeiros encararam-nos de frente e os que nos não hostilizaram, mantiveram-se numa fria indiferença, por motivo de duvida. Talvez uns e outros nos supozessem incorrigiveis. E' que os fidalgos arruinados não perdem facilmente o ruim preceito de gastar á larga. Os tempos mudaram, porem, e com elles a feição dos homens.

Reabilitada a fazenda publica, padrão por onde se aquilatam as qualidades de bom

senso dum povo, todos, lá de fóra, ainda os nossos mais ferrenhos adversarios, começam de fazer-nos justiça, enaltecendo sobremaneira a obra ingente do grande estadista que hoje sobraça a pasta das finanças.

E é assim que o Paiz se levanta e não á custa de subsidios que o Estado noutros tempos estipulava aos diarios mundiais para nos elogiarem a tanto por linha.

A batota

O jogo, ora, o jogo foi um ar que lhe deu. Que era impossivel exterminalo, que os grandes caciques fariam imposições, que as praças não transigiriam, que a policia era fatalmente ludibriada, e que o jogo continuaria a ser o que sempre foi. Que muitos estadistas de envergadura se abanlancaram a exterminar tal escaltracho, e que sempre o fizeram baldadamente.

Mas sobre ao poder o dr. Afonso Costa, que, na justa comprehensão dum economista distinto, logo reconhece que para bem da nação se torna absolutamente necessario acabar com tal vicio.

Da maneira como se houve, estão patentes as provas.

Passa a estação balnear e em nenhuma das praças se jogou, nem reconheceu a falta do jogo. Dá-se conta de que um administrador o permitia e logo é demittido. E nem as praças, nem os caciques se impozeram, porque sabiam que o prestigio do grande estadista não cedia ás suas arremetidas.

Questão religiosa

Damos um doce, e dos melhores, a quem nos disser onde pára esta senhora. Desaparecida, nem ao menos a pranteiam os que mais dedicados lhe foram durante muito tempo. Quer-nos parecer que muito houve quem a explorasse, dela vivendo. Hoje, desaparecida como dissemos, nem ao menos ha quem lhe dedique uma palavra.

E' que, de facto, os exploradores reconheceram que malhaviam em ferro frio e que o povo, esse bom e generoso povo portuguez, já não corre a foguetes para se impôr de novo o pesadelo que desde longos anos desejava alijar.

E tudo corre ás maravilhas, seguindo cada um as crenças que por direito e razão prefere.

Em Marrocos

Continúa, ás portas da Europa, o morticínio de Marrocos. Raro é o dia em que *nuestros hermanos* deixam de lamentar serios desastres. A situação da Hespanha é talvez peor do que a que tinha no principio da guerra.

Não obstante isso, parece que quasi todos os jornaes hespanhoes tem sentenciado o fim da luta pela força das armas, que, *no dizer dos seus redatores*, se tem accentuado pelo destroço completo do inimigo.

Mas o que é certo é que o inimigo renasce, para eterno tormento da Hespanha!

As lições da historia são sempre preciosas, e essas rezam que até os portuguezes tiveram em Africa o seu Acacer-Kibir.

Frasco de veneno

No jornal *A Republica* ha um redator que diariamente perde a cabeça, falando do ministro da Instrução Publica, dr. Sousa Junior. Estudado, porem, o ataque, logo se descobre que nenhuma razão o nortea. Palavras e mais palavras, mas sempre as mesmas, sob variadas combinações. E' claro que quando não ha factos a discutir, as palavras são unicamente palavras que em coisa nenhuma offendem ou desconhecituum o nobre ministro, antes revelam a podridão que corroe a alma de quem diariamente escreve.

Vajamos o que dizem os mestres a respeito de tão divertido assunto: Segundo os etimologistas, do primitivo e celtico *ac*, agua, e do celtico *rum*, *rym*, pequeno, formaram os gregos *dacruma*, e os latinos *lacryma*, lagrimas.

Os celtas diziam *daigr*. A lagrima não é mais do que uma gota de agua. Pede-se uma lagrima ou uma gota de licor, quando ha cerimonia...

De *pla*, onomatopéa, grito lamentoso, formaram os latinos *placetus*, *ploratus*, pranto, gemido, lamento.

Os francezes dão a palavra *pleur* a significação particular de lagrima, assim como os italianos a *pianto*, mas o sentido primitivo e proprio da palavra é grito ou sinal flagrante de dor.

Por muito tempo pranto se empregou apenas na acção de grande luto.

Corneille teve muita razão em afirmar que «as lagrimas dum amante valem sempre mais do que os mais poderosos discursos».

Quando Scipio mandou queimar a armada cartagineza no proprio porto, tão miserando espectáculo só causou *prantos e lamentações*.

Racine fala-nos do pranto de Cleófilo e madame de Sévigné conta-nos que sua filha, quando estava de mau humor, chorava em altos gritos excessivamente dolorosos.

Era o pranto com todo o seu cortejo. A lagrima, todavia, é apenas a denominação propria do humor limpido que a compressão dos musculos faz sair do sacco lacrimal e escorrer do olho.

O pranto, palavra desviada da sua significação natural, designa uma especie particular e uma grande abundancia de lagrimas ou lagrimas abundantes, acompanhadas de gritos, de suspiros, de lamentações e de outros caracteristicos dolorosos.

O riso e a alegria, tal como a tristeza e a dor, podem fazer correr as lagrimas. Estas realçam, muitas vezes, a beleza; o choro ou pranto desfiguram-na, ridicularizam-na.

A CHUVA E O SEU BLOQUEIO—AGUA, VENTO, GUARDA-CHUVA E IMPERMEAVEL—A MINHA JANELA, O BARRANCO E UMA NEBLINA DE DESALENTO E TRISTEZA—O FOLHEDO DAS ARVORES E ARBUSTOS—UM MAR PROCELOSO EM PLENA SERRA—AGUA E MAIS AGUA OU UMA SINFONIA DE LAGRIMAS—O CHORO DAS ARVORES, DAS PEDRAS, DOS REGATOS E DAS RIBEIRAS—VISÕES ESPETRAES E SARABANDAS FUNAMBULESCAS—UM POUCO DE FILOSOFIA ACERCA DA LAGRIMA E DO PRANTO—O QUE DIZEM OS ETIMOLOGISTAS—DIVAGAÇÕES FILLOGICAS—UM COMPOSTO CELTICO-GREGO LATINO—O PRANTO DOS LATINOS, DOS FRANCEZES E DOS ITALIANOS—CORNEILLE E AS LAGRIMAS DO SECO FRAGIL—SCIPPIO E A ARMADA CARTAGINEZA—RACINE E CLÉOFILO, MADAME DE SÉVIGNÉ E SUA FILHA—CARACTERISTICOS DIFERENCIAES ENTRE O PRANTO E A LAGRIMA—PLINIO E DEMEÚ E O PARECER ACERCA DA LAGRIMA—ANDROMACA E HERMIONE, CEZAR E AS CINZAS DE POMPEU, CORNELIA E XÉRXES—NA TERRA E NO INFERNO—UM PROVERBIO HESPAÑOL—JOB, JEHOVAH E AS LAGRIMAS DE CROCODILO E ETC ETC.

Decididamente a chuva não quer largar-nos.

Bloqueia-nos, assedia-nos, cerca-nos com os seus grossos cordões aquaticos, forçando-nos a permanecer em casa, dada a impossibilidade de transitar por esses caminhos fustigados pelo vento e pela agua e onde não ha guarda-chuva que resista nem impermeavel que preste bons serviços.

E tem chovido a valer. Por vezes, da minha janela, que domina o barranco, eu tenho visto toda a paisagem velada como que por um veio enorme de tristeza, por uma neblina de desalento, enervante e doentia.

Então o folhedo das arvores e arbustos batido pela chuva fustigante e agitado pelo vento, ondula qual mar proceloso, cujos bramidos, ecoando de quebrada em quebrada através da serra, chegam até nós como estertorosos gemidos de agonisantes.

A tiritar, a passarada busca abrigar-se sob as mais espessas ramarias; cessa o transitio já espaçado dos caminhos e ao som do monoton rouquido da ventania, a chuva cae implacavel, deixando escorrer por toda a parte as suas incessantes lagrimas.

Pode dizer-se que em volta de nós resoa um lamentoso pranto, uma angustiosa sinfonia de lagrimas.

Choram as arvores castigadas pela invernia; choram as pedras reluzindo, como que envernizadas pela agua; choram regatos e ribeiras...

E' triste e desolador o quadro e de uma influencia doentia e hamelética.

Sugere visões espetraes, sudarios ondulando sob a escuridão das nuvens, sarabandas funambulescas de lémuers e vampiros.

Mas, visto que o tempo não nos consente passear, recreando o espirito com os salutareos aspetos da natureza e refrescando os pulmões com o bom ar da montanha, codo através dos esplendores desta vegetação pululante, filosofemos um pouco acerca da lagrima e do pranto.

Vajamos o que dizem os mestres a respeito de tão divertido assunto:

Segundo os etimologistas, do primitivo e celtico *ac*, agua, e do celtico *rum*, *rym*, pequeno, formaram os gregos *dacruma*, e os latinos *lacryma*, lagrimas.

Os celtas diziam *daigr*. A lagrima não é mais do que uma gota de agua. Pede-se uma lagrima ou uma gota de licor, quando ha cerimonia...

De *pla*, onomatopéa, grito lamentoso, formaram os latinos *placetus*, *ploratus*, pranto, gemido, lamento.

Os francezes dão a palavra *pleur* a significação particular de lagrima, assim como os italianos a *pianto*, mas o sentido primitivo e proprio da palavra é grito ou sinal flagrante de dor.

Por muito tempo pranto se empregou apenas na acção de grande luto.

Corneille teve muita razão em afirmar que «as lagrimas dum amante valem sempre mais do que os mais poderosos discursos».

Quando Scipio mandou queimar a armada cartagineza no proprio porto, tão miserando espectáculo só causou *prantos e lamentações*.

Racine fala-nos do pranto de Cleófilo e madame de Sévigné conta-nos que sua filha, quando estava de mau humor, chorava em altos gritos excessivamente dolorosos.

Era o pranto com todo o seu cortejo. A lagrima, todavia, é apenas a denominação propria do humor limpido que a compressão dos musculos faz sair do sacco lacrimal e escorrer do olho.

O pranto, palavra desviada da sua significação natural, designa uma especie particular e uma grande abundancia de lagrimas ou lagrimas abundantes, acompanhadas de gritos, de suspiros, de lamentações e de outros caracteristicos dolorosos.

O riso e a alegria, tal como a tristeza e a dor, podem fazer correr as lagrimas. Estas realçam, muitas vezes, a beleza; o choro ou pranto desfiguram-na, ridicularizam-na.

Na lagrima, todavia, é apenas a denominação propria do humor limpido que a compressão dos musculos faz sair do sacco lacrimal e escorrer do olho.

O pranto, palavra desviada da sua significação natural, designa uma especie particular e uma grande abundancia de lagrimas ou lagrimas abundantes, acompanhadas de gritos, de suspiros, de lamentações e de outros caracteristicos dolorosos.

O riso e a alegria, tal como a tristeza e a dor, podem fazer correr as lagrimas. Estas realçam, muitas vezes, a beleza; o choro ou pranto desfiguram-na, ridicularizam-na.

lagrimas; no pranto tudo é amargo. As lagrimas aliviam a dor, o pranto aumenta-a.

O primeiro choro das creanças, diz Rousseau, é uma supplica; a sua dor implora o nosso socorro.

O homem duro nunca derrama lagrimas; pranteia-se e nem uma lagrima cairá sobre elle.

A sensibilidade, a piedade, a ternura e todas as paixões suaves expandem-se em lagrimas; a colera, o furor, o desespero e as paixões violentas expandem-se apenas em prantos, só se exteriorizam em choros.

Plinio o Antigo distinguia muito bem as lagrimas de misericordia das outras diversas especies de lagrimas e especialmente daquelas a que nós chamamos pranto.

Nós dizemos choros de raiva e lagrimas de alegria. Demeu, ha muitos seculos, já dizia: *Lacrumo gaudio!*

Andromaca derramou lagrimas. Hermione só teve prantos. Andromaca sentiu correr as lagrimas; o amor maternal derramou-as para excitar uma piedade generosa.

Hermione, impulsada pelo furor, sentiu-se incapaz de chorar.

Cezar regou com lagrimas as cinzas de Pompeu. Cornelia não crusegiu derramar lagrimas, mas ambicionou vomitar chamas.

Por volubidade e inconsequencia na tural do espirito, Xérxes, que acabava de estremecer de alegria á vista da sua numerosa armada, chorou, depois, copiosamente, ao considerar que talvez dali a pouco, de tantos homens, não existisse um só.

Vão e ambicioso tirano! Ia precipitar-lhes o destino e o seu coração endurecido não lhe inspirava o horror de tal intento, inexpavel por mais prantos que derramasse!

O arrependimento sincero dá-nos lagrimas; o remorso atormentador dá prantos.

Ha lagrimas em toda a parte onde existem representantes da humanidade. No inferno e em tudo quanto sobre a terra se lhe assemelhe apenas haverá prantos!

Nada séca mais depressa do que as lagrimas, dizia Apolonio; nada é mais facil de provocar do que o pranto.

Lagrimas de mulher, diz um proverbio hespanhol, valem muito e custam pouco; os prantos dos homens valem pouco e custam muito.

Job, o maior chorão de todos os tempos, derramou as mais substanciaes e chorudas lagrimas de que ha memoria.

Em todos os tempos a lagrima foi livre: lagrimas de crocodilo existiram desde que Jehovah num infeliz momento de mau humor, creou o primeiro homem.

Mas como o tempo estiu e o sol já quer espreatar-nos através das ramagens polvilhadas de prata liquida, guardemos para outra vez um pouco de filosofia acerca das lagrimas de crocodilo...

Lisandro.

POETAS

O GENIO E A INVEJA

Doirava o sol, no occaso, as nuvens cor de rosa, Secudindo na vaga a juva luminosa.

Afonso de Albuquerque, o grande capitão, Regressava de Ormuz, ufano o coração Pela conquista auzaz, e já cravando a vista Sobre Góá—a soberba outra maior conquista! E depois a Malaca... e depois desviar As correntes do Nilo, e assim exterminar O turco assolador, o inimigo mortal, Dando um imperio novo ao velho Portugal!

Naquelle seo inquieto andavam a lutar As ondas da ambição como as do vasto mar! E, em quanto o seu olhar no imenso se perdia, Na sombra do gigante a inveja remordia!

BULHÃO PATO.

Instrução primaria

Ao sr. Sub-delegado de Saude de Olhão:

Por decreto de 30 de agosto de 1913, publicado no *Diario do Governo* n.º 206, de 3 de setembro de 1913, foi cedida á camara a casa do sacristão e o quintal anexo á mesma, afim de ser instalada a guarda republicana que for destinada para Olhão.

Lamentamos que isto se dê, porque, tanto a casa do presbitero como o seu quintal e a casa do sacristão foram cedidas por decreto de 4 de janeiro de 1913 para a instalação da escola central masculina da mesma vila, e porque alem da guarda republicana ser uma visinhança perigosa em toda a sua extensão á higie-na da escola, vae privar esta de ter um bom quintal para o recreio das creanças o que é por lei absolutamente indispensavel. O decreto acima indicado diz, «que a referida cedencia terá logar, se não houver prejuizo de qualquer determinação ou consulta da competente autoridade sanitaria, que a camara ouvirá antes da instalação do quartel na proximidade da escola».

E' pois ao sr. Sub-delegado de saude que competirá a boa ou má sentença em relação aos direitos e interesses das creanças escolares masculinas de Olhão. Chamamos neste caso a sua voliosa atenção para esta causa assaz justa e melindrosa.

EXPEDIENTE

Em virtude de varios dos nossos assinantes de fóra terem em atrazo os seus recibos, mandamos agora proceder á cobrança relativa a esses mesmos assinantes, esperançados em que satisfaçam o pagamento, para assim nos evitarem maiores despezas e embaracos na escrituração.

Evidentemente, *O Heraldo* é um jornal que vive, como todos os outros, do bom acolhimento dos seus assinantes, mas succede ainda que, por ser bi-semanal e de formato maior do que o vulgar em jornaes de provincia, acarreta aos seus directores serios prejuizos, visto que a receita é inferior á despeza.

Nestes termos, a administração do *Heraldo* solicita destes seus presados assinantes o obsequio de não tornarem a devolver os recibos que novamente lhes vão ser apresentados ou a respeito dos quaes terão das respetivas estações de correio os competentes avisos.

UMA CARTA

Pedem-nos a publicação da seguinte carta:

«...sr. dr. João Pedro de Sousa.

Vendo uma noticia desta localidade no vosso jornal do dia 10 do corrente, sou a declarar ser falso tal facto que lá se conta, no que me diz respeito.

Tenho tido e tenho a maxima consideração para com esses individuos que escreveram tal comunicado, mas o que não posso consentir, seja a quem quer que seja, é que digam a meu respeito coisas que nunca se passaram.

A declaração, sé é que lhe querem chamar declaração, *mas eu chamo-lhe offico*, foi a que fiz na administração do concelho de Faro, pedindo ao sr. administrador, que era então o sr. conde do Cabo de Santa Maria, para que não seguisse para o sr. dr. Juiz de Direito o processo que eu queria fazer contra o sr. Antonio Faria, porque nos harmonisamos e ficamos amigos como antes eramos amigos.

Não houve mais compromissos de especie alguma, como assim o podem dizer os srs. Antonio Faria e dr. Manuel Pedro Guerreiro.

Com isto não fiquem zangados, porque dizer a verdade é só a verdade não custa; o que custa é dizerem aquilo que nunca se deu, nem se pensou.

Se não frequento o *Centro*, é porque assim entendo dever faze-lo; as razões que me assistem são importantissimas e muitos socios tambem sabem quaes elas são.

Mal andaram os individuos que escreveram tal local, e digo individuos, falando no plural, por que sei positivamente que foram 3 a escreve-la. Mas em tão má hora a escreveram que só falaram mentira, por estarem mal informados.

Ainda desejava saber quaes serão os favores que eu devo ao *Centro* para me chamar *ingrato*! Digo-lhes com franqueza, que ingratos são esses individuos que escreveram... dizendo que o sr. dr. Manuel Pedro Guerreiro é meu superior no *Registro Civil*! Já algem me viu ocupar tal cargo? *cala-te menino porque é teu superior e não queres ser conhecido*.

Nesta data escrevo ao sr. dr. Guerreiro, pedindo-lhe o favor de publicar a declaração, *offico*, para os descancar, e depois espelhem-se nela, para que de futuro não digam o que não devem dizer. Falem a verdade e só a verdade, que é o que eu costume fazer, como dizem nessa local.

Feita esta declaração, fico portanto, livre de mais incomodos.

Agradeço-lhe a publicação destas linhas, sou com a maxima consideração.

S. Braz de Alportel, 13-9-913.

De V...

Antonio Maria Barros Santos.»

POR ESSE ALGARVE

Estoi

Realison-se aqui no domingo a feira annual, que foi muito concorrida, havendo, como de costume, grandes e muitas transações.

—Vimos aqui o sr. Honorato Santos, de Faro, acompanhado de sua esposa e interessante filha.

—De visita ao seu amigo sr. Antonio Francisco de Paula Mendonça, esteve aqui o estudante de medicina sr. Alexandre Bolutinha, de Loulé.

—Esteve aqui de visita a seus estremosos paes, o sr. dr. José Mendonça, acompanhado de sua irmã e sobrinhas, que actualmente se encontram na sua propriedade das Marinhas de Garganta, suburbio de Faro.

—Deve regressar brevemente de Buenos Aires ao convivio dos seus amigos, o nosso particular amigo sr. Luiz de Mendonça Gaziaba.

—Vimos de visita ao sr. Palma Viegas, ajudador desta aldeia, o sr. Antonio Mateus, professor oficial na Conceição de Faro.

—Parte brevemente para Coimbra, afim de continuar os seus estudos de medicina, o nosso particular amigo sr. Antonio Francisco de Paula Mendonça.

—Acompanhado de sua esposa, encontra-se na sua propriedade *Quinta da Bemposta*, suburbios desta aldeia, o coronel sr. José Vicente Cansado.

—De visita a seu irmão e cunhada, sr.ª D. Maria José Afonso Neves, encontra-



FABRICA PROGRESSO FARENSE DE LADRILHOS MOSAICOS

OS MAIS RESISTENTES, ECONOMICOS E EMBELEZADORES

FABRICO ESPECIAL EM DESENHOS E FEITOS MODERNO

Deposito de cimentos nacionais e estrangeiros—Preços sem competencia—Descontos aos revendedores

F. J. PINTO JUNIOR E COMP. A FARO

Ninguem mande vir de fóra nem compre noutras casas, sem primeiro visitar esta fabrica

se aqui a sr.ª D. Maria dos Anjos Neves, digna professora oficial de Vila Real de Santo Antonio.

Tambem aqui esteve, acompanhada de suas interessantes filhas, a sr.ª D. Mariana de Paula Brito Pacheco.

De visita aos seus amigos drs. José e Antonio Mendonça, esteve aqui o sr. padre Antonio Luiz de Oliveira, aluno da Universidade de Coimbra.

Quarteira

A já muito conhecida companhia dramatica que ha dias aqui se encontra, de que são eximios directores os srs. Aureliano Serrate e Ludovina dos Anjos, deu-nos em treze do corrente uma significativa demonstração do que pode o seu trabalho e a sua vontade incansavel de artistas, no desempenho do emocionante drama em tres atos

O Filho da Republica

PERSONAGENS
CARLOS DAVID... Aureliano Serrate
JORGE DAVID... Manuel Molarinho
O GENERAL... Inacio Augusto
SIMÃO, COMICO... Alexandre Costa
SARGENTO RUVINÓ... M.º Candanedo
PAPÁ-RANCHO-COMICO... Candido Pereira
85 GALAN-TRAVESTI... A. da Conceição
ALVORADA-SENTINELA... Carlos da Silva
GINIS-VIBANDEIRA... Maria Serrate
" " " " L. dos Anjos
" " " " Aurora dos Anjos
" " " " Juaquina Serrate

TITULOS: 1.º ato—Combate. 2.º ato—A Prisão. 3.º ato—Implantação da Republica.

O publico mais seletto não se cansou de aplaudir os artistas, e as encenantes tem sido tantas, quantas o numero de recitas.

Por iniciativa dos distintos amadores da arte musical, nossos amigos srs. José Alexandre de Oliveira, Ernesto Viegas Martins, Francisco Marques Rola, Higinio Bita, Francisco Firmino e Ivo Carlos Mateus, realisou-se aqui na semana passada uma bela serenata, que diliciou sobremaneira os Quarteirenses, sendo todos muito aplaudidos pelo publico, que ansiosamente affluir para gosar as encantadoras musicas que a simpatica troupe tão brilhantemente executou.

O tempo passa, e como é natural, atraindo ás praias em ondas de satisfação e praser, formosas damas e rapazes da fina roda, como os que vemos regorgitar pelas ruas, depois dos atraentes passeios pela formosa praia.

A's 17 horas é digno de ver-se o aspeto do povo que se aglomera na Avenida que conduz á beira mar, numa estenção de mais de mil metros em linha reta. Isto está de veras agradável.

S. Braz de Alportel

Consta-nos que a Junta de Paroquia está fabricando um extenso relatório a respeito de toda a sua gerencia e que esse magnifico relatório vai ser traduzido em varias linguas, para depois a Junta o mandar distribuir profusamente por todo o paiz.

Espalhou-se (e ha quem suponha que foi um membro da mesma Junta que o veiu dizer cá fóra) que as contas tinham um deficit de muitas centenas de escudos, mas que, devido á boa vontade do sr. João Rosa Beatriz, foi esse deficit reduzido a pouco mais ou menos de 500 escudos.

Este sr. João Rosa Beatriz, que nos dizem estar ahí metido em qualquer parte e que outros, por basofia, o atiraram para o estrangeiro, ha muito que ninguem lhe põe os olhos em cima. A freguezia regorgita de forasteiros que já vão chegando para assistir ás festas grandiosas e nunca vistas que os amigos do mesmo sr. João Rosa Beatriz lhe preparam, para quando ele regressar do exilio, em atenção ao seu bom nome e altissimo caracter.

Chegaram já quatorze filarmónicas, seis pregadores, oito pirotecnicos do Miúdo e dois regimentos de voluntarios.

Pode dizer-se que S. Braz de Alportel está num vulcão de festas.

O NOSSO NOTICIARIO

Do seu belo chalet de S. Pedro de Cintra, regressou a Tavira, acompanhada de seus filhinhos, a sr.ª D. Laura Tavares de Sousa, esposa do sr. dr. Antonio Francisco de Sousa.

Teem logar amanhã, na importante freguezia de Almaniç, grandes festejos civicos, a que assistirão como oradores, num comicio de livre pensamento, os srs. Eurico de Campos, administrador do concelho de Silves, dr. João Barbosa, administrador do concelho de Albufeira, e dr. João Pedro de Sousa, nosso estimado diretor.

Vimos nesta cidade o sr. dr. João

ELIAS D'A. SABATH

—COM—

Estabelecimento de drogas, feragens, tintas, vidraça e outros artigos a PREÇOS EXTREMAMENTE CONVINDATIVOS

como o proprio fraguez poderá verificar.

Ninguem compre sem primeiro visitar este estabelecimento.

RUA D. FRANCISCO GOMES, 18 a 22

PORTAS ENCARNADAS

José Sanches e Ponce, illustre capitão medico de infantaria 4.

— Ainda se encontra em Lisboa o nosso amigo sr. dr. Adelino Furtado, governador civil deste distrito.

— Houve ha dias em Aljezur umas fortes trovoadas, que produziram enormes estragos. As sementeiras de milho e feijão, algumas eiradas, arrozacs, pastagens, etc., tudo ficou perdido.

— Espera-se que por toda a primeira quizeana de outubro venha dar algumas recitas no Teatro Circo desta cidade a companhia do teatro Republica, de Lisboa.

— Seguiram aute hontem para Lisboa as visceras duma filhinha do sr. J. J. da Silva, a fim de se lhes fazer exame toxicologico, por haver suspeita de envenenamento.

— Esteve em Faro, de visita a sua familia o 1.º tenente da armada sr. Branco e Brito.

— Efetuou-se na segunda feira, dia 15, uma grandiosa merenda democratica nas proximidades da Mina de S. Domingos. Os nossos correligionarios, entre os quaes estava o sr. Urbano Rodrigues, secretario do presidente de conselho, foram alvo de delirantes manifestações. Assistiram á merenda mais de tres mil pessoas.

DIA HISTORICO

Setembro

20—1792—Batalha de Volney.—1820—Nascimento do duque de Borden.—1870—Entrada das tropas italianas em Roma.—1886—Morre em Lisboa o general Gilberto Rola, um dos fundadores da Democracia.—1908—Morte do republicano hespanhol Nicolau Salmeron.—1911—Chega a Lisboa o dr. Nilo Peçanha, ex-presidente da Republica Brasileira.

21—1506—Diogo de Azambuja toma Caffin em Africa.—1558—Morte do imperador Carlos V.—1761—E' queimado vivo em Lisboa o jesuita Malagrida.—1792—Abertura da Convenção Nacional, em Paris.—1835—São prohibidos os enterramentos nos templos portuguezes.—1910—São mandados arquivar todos os processos promovidos pelo gabinete negro contra a imprensa.

22—19 (A. C.)—Morte de Virgilio.—1707—Botcher, preso ás ordens do principe de Saxe para não revelar os segredos das suas experiencias, descobre o fabrico da porcelana branca.—1792—A Convenção Nacional proclama a Republica Franceza.—1833—Chegada de D. Maria II a Lisboa.—1910—A Associação do Registo Civil cumprimento o ministro da justia, dr. Manuel Fratel o oferece-lhe todo o seu apoio.

23—1593—Assalto á fortaleza do Morro.—1738—Morte do medico Boerhaave.—1834—A Serra do Pilar é elevada á categoria de fortaleza.—1836—Morte da celebre cantora Malibran.—1908—A familia de Salmeron recusa aceitar as honras officias que o governo hespanhol quer prestar ao eminente chefe republicano e determina que o funeral se realize civilmente.—1910—Realisa-se a ultima abertura das cortes em Portugal.—1911—O dr. Rodrigo Rodrigues toma posse do lugar de governador civil do Porto.

CARTEIRA

Fazem anos :

Amanhã, 21—D. Alice Belmonta de Novaes, D. Casimira de Brito Guimarães, D. Carolina Casimiro Matos, D. Maria Raquel Figueiredo, José Capistrano Siqueira e Silva, Francisco Lino Januario, Eduardo Filipe Silva e Antonio Augusto Xavier Gonçalves.

Segunda, 22—D. Maria da Encarnação Travassos Neves Quintino, D. Georgina Fulgencia de Sousa, D. Gabriela dos Santos Moreira, D. Alice Fabricia Canavarro, D. Maria Amelia Lino, D. Elvira Tavares Ramos, Augusto do Carmo Pinto, José Bernardo Alves, Francisco do Sousa Reis, Albino de Mendonça da Costa e o menino João Mauricio Fernandes.

Terça, 23—D. Laura Adelaide Ferreira, D. Julia de Almeida Wenceslau, D. Henriqueta Augusta Matos, D. Lucia Alberta dos Santos Januario, Augustio Miguel das Mercês, Joaquim Vieira Antunes, José Antonio Viegas, Alfredo Marques Tavares e Filipe de Sousa Reis.

Quarta, 24—D. Maria das Mercês Maldonado, D. Isabel Ataide, D. Maria Siqueira Pacheco, D. Luiza Aboim de Leiria e Andrade, D. Elvira Augusta Moreira, D. Maria Francisca de Campos, João Filipe Arandelo, Antonio Bento da Silva, Carlos Viegas Gonçalves, Filipe Cipriano da Costa e José Augusto Ernesto.

Doentes :

Foi ha dias acometido duma forte ameça de congestão cerebral o nosso amigo sr. Amílcar Duque. E' certo, porém, que o caso não teve más consequencias e tanto assim que já depois disso tivemos o prazer de o encontrar na rua. Sentimos o seu incomodo, e felicito-lo pelas suas melhoras.

Necrologia:

Faleceu na Luz de Tavira o sr. Pedro Torres de Mendonça, casado, de 51 anos, vereador substituto da camara municipal de Tavira.

Era um velho e sincero republicano.

FARMACIAS

Estão amanhã de serviço as seguintes farmacias :

Mo eno Alves, Rua Conselheiro Bivar 84; Anibal Alexandre, (Praça D. Francisco Gomes); Bandeira & Ramos, (Rua D. Francisco Gomes 40).

ANUNCIO

A Camara Municipal de Albufeira anuncia que creou um mercado para gado e generos no quarto domingo de cada mez, no Rocio desta vila.

Albufeira 18 de Setembro de 1913.

O Presidente,

Joaquim Manuel de Mendonça Gouveia.

JOÃO DA SILVA NOBRE

MEDICO-CIRURGIÃO

Ex-interno dos hospitais de Lisboa

Garganta, nariz e ouvidos — Doenças das senhoras — Tratamento da sífilis e das seções rebeldes pelo 606 de Erlich
Clinica Geral — Operações
CONSULTAS A'S 11 H O R A S

ESTUDANTES

Em casa duma senhora edosa e honesta, aceitam-se estudantes a preços razoaveis.

Largo de S. Francisco, n.º 51.

—FARO—

AJUDANTE DE FARMACIA

Precisa-se com boa pratica e boas referencias.

Dá-se bom ordenado mas exige-se estabilidade.

Farmacia Higiene—Faro.

EXPLICADORES

Joaquim Neves, com longa pratica de linguas, e Raul Calazans, com o 7.º ano de ciencias, explicam por preços razoaveis todas as disciplinas do curso geral dos liceus. Largo do Liceu—FARO

ESTUDANTES

Recebem-se, bom tratamento, casa higienica, perto do liceu.

Para tratar na Rua Rasquinho, n.º 21.—FARO

JOÃO PEDRO DE SOUSA

ADVOGADO

ESCRITORIOS

Rua de Santo Antonio, 6

Largo 1.º de Dezembro, 27

Morada—R. do Pé da Cruz, 16

FARO

ESTUDANTES

Recebem-se por preços modicos, boa comida, quartos e rigorosa vigilancia nos seus estudos e comportamento. Dirigir á Rua Castilho n.º 9, 1.º FARO.

FABRICA INDUSTRIAL 1.º DE MAIO

SERRALHARIA MECANICA E CIVIL

FUNDIÇÃO DE FERRO E BRONZE

DE

MANOEL CARVALHO

RUA INFANTE D. HENRIQUE, 166

—FARO—

Construção de poços Artesianos—Vendem-se materiaes para os mesmos

Esta casa, que é no genero a primeira da provincia do Algarve, encarrega-se de todos os trabalhos mecanicos e civis.

Constroem-se engenhos de noras de todas as qualidades, com a maior ligeireza, solidez e perfeição.

Fazem-se charruas de todos os tamanhos, maquinas de debulhar milho, colunas, tubaria e todos os utensilios agricolas.

Ninguem deixe de comprar nesta casa, visto que em parte alguma do paiz se fabricam e vendem estes generos em melhores condições.

PREÇOS SEM COMPETENCIA

Ninguem compre sem primeiro visitar esta importante fabrica

FARMACIA HIGIENE DE FARO

Director tecnico—JOSÉ GONÇALVES BANDEIRA

RUA IVENS 22—RUA TENENTE VALADIM 17

ESPECIALIDADES RECOMENDAVEIS

(Exigir sempre o nome do preparador JOSÉ G. BANDEIRA)

CONTREZEMA

Empregado com successo em :

ECZEMAS-PSORIASIS

HERPES-DERMATOSIS

POMADA RESOLUTIVA

Doenças em que o seu uso dá optimos resultados :

Plegmatia alba dolens, linfagite, furunculose, reumatismo, entorses etc., etc.

Portanto em todas as doenças inflamatórias e dolorosas deve sempre empregar-se

Esta farmacia acha-se tambem habilitada a fornecer de pronto qualquer medicamento; preparado ou penso assetisado, para o que se encontra fornecido com todos os aparelhos modernos necessarios para as manipulações de assepsia.

HORARIO DOS COMBOIOS

LISBOA	PORTIMÃO	TAVIRA	LOULE	FARO	Sentido da marcha	FARO	OLIVEIRA	TAVIRA	VILA REAL	Naturza do comboio
20.40	7.15	6.10	6.50	7.14	Des.º	7.24	7.40	8.20	9	Correio
17.5	8	—	—	—	Asc.º	7.55	7.42	7.8	6.30	Rápido
—	6.20	7.56	9	9.44	Des.º	9.55	10.22	11.19	12.25	Tr.
—	—	—	—	—	Asc.º	10.45	10.20	9.22	8.10	—
—	—	—	—	—	Des.º	12.10	12.31	—	—	—
—	—	—	—	—	Asc.º	13.21	13	—	—	—
—	19.20	17.41	16.45	16	—	—	—	—	—	—
—	—	—	—	—	Des.º	16.15	16.44	17.42	18.50	—
—	—	—	—	—	Asc.º	17.6	16.41	15.40	14.30	—
6.40	21.15	20.15	19.11	18.45	—	18.37	18.24	17.47	17	Correio
6.40	18.30	—	—	—	—	—	—	—	—	—
9.10	16.20	17.50	18.24	18.44	Des.º	18.55	19.10	19.44	20.20	Rápido
9.10	19.20	—	—	—	—	—	—	—	—	—
—	18.30	20	21.3	21.35	—	22.5	22.29	23.34	0.30	Mixto
—	—	—	—	—	Asc.º	23.35	23.22	22.30	21.30	—

PORTUGAL PREVIDENTE

Companhia de Seguros—CAPITAL 1.000.000\$000

SEGUROS DE VIDA (TODAS AS COMBINAÇÕES)

Seguros contra fogo—Seguros maritimos—Seguros de

crystals—Seguros contra roubos—Seguros

postacs—Seguros agricolas

AGENCIAS EM TODO O PAIZ E COLONIAS

Séde—Rua do Alecrim, 10—LISBOA

Representante em Faro, MANUEL FRANCISCO COSTA

